

# DEAN KOONTZ

500 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

TRADUZIDO EM 38 LÍNGUAS



# DEVOÇÃO

«Aterrador e simultaneamente comovente,  
este thriller vai maravilhar fãs e novos leitores.»

*Booklist*

TOP  
SEL  
LER

*Todo o conhecimento, o conjunto de todas as perguntas e respostas, encontra-se no cão.*

Franz Kafka

*Estamos sós, absolutamente sós, neste planeta fortuito e, entre todas as formas de vida que nos rodeiam, nem uma — a não ser o cão — fez uma aliança connosco.*

Maurice Maeterlinck

*Se acolheres um cão faminto e o fizeres feliz, ele não te morderá. É essa a principal diferença entre os cães e os humanos.*

Mark Twain

*Um cão é o único ser do planeta que te ama mais do que a si mesmo.*

Josh Billings

# MAIS NEGRO DO QUE AS TREVAS



TERÇA-FEIRA, 16H00 – QUARTA-FEIRA, 17H00

# 1

TRÊS ANOS APÓS O ACIDENTE, o coração e a mente de Megan Bookman estavam bem, ainda que, de vez em quando, ela sentisse alguma ansiedade — uma sensação de que o tempo estava a esgotar-se; de que, a qualquer momento, poderia abrir-se aos seus pés um escoadouro. Não era a intuição em funcionamento, apenas a consequência de ser viúva aos 30 anos. Um amor que, pensara, perduraria, um homem que, acreditara, envelheceria ao seu lado: tudo lhe fora furtado sem que nada o fizesse prever. Esta sensação de que, algures, os sinos dobravam por ela, passaria; passava sempre.

Na soleira da porta do quarto do seu único filho, observava-o sentado ao computador, com o acervo de equipamento associado, enquanto pesquisava sobre aquilo que o fascinava no momento.

Woodrow Bookman, que toda a gente conhecia por Woody, nunca proferira uma palavra nos seus 11 anos de vida. Quando nascerá, e durante alguns anos depois disso, chorara, mas nem uma única vez desde que completara os 4 anos. Ainda que fosse raro, ria de coisas que lhe diziam ou quando via alguma coisa engraçada. Muitas vezes, o motivo do seu divertimento era algo interior e um mistério para a sua mãe. Fora-lhe diagnosticada uma forma rara de autismo, embora, em abono da verdade, os médicos não soubessem o que pensar dele.

Felizmente, não apresentava qualquer um dos comportamentos mais complicados associados ao autismo. Não tinha propensão a colapsos emocionais e não era intransigente. Desde que estivesse na companhia das pessoas que conhecia, nunca se encolhia quando lhe tocavam nem sofria mentalmente com o contacto físico, ainda que desconfiasse de desconhecidos e, muitas vezes, os temesse. Ouvia com atenção tudo o que lhe diziam e era pelo menos tão obediente como Megan fora em criança.

Não ia à escola, mas também não tinha aulas em casa. Woody era o verdadeiro autodidata. Aprendera a ler sozinho apenas alguns meses depois do seu quarto aniversário e, três anos mais tarde, já lia ao nível universitário.

Megan amava Woody. Como poderia não o amar? Ele era fruto do seu amor. O seu coração começara a bater enquanto o seu organismo se formava dentro dela. Na opinião dela, passados todos estes anos, os seus corações batiam em uníssonos.

Além disso, era um menino querido, como os dos anúncios das bolachas e, à sua maneira, carinhoso. Embora permitisse que o abraçassem e beijassem, não devolvia os abraços e os beijos. Porém, nos momentos mais inesperados, esticava o braço e pou-sava a sua mão na dela, ou tocava-lhe os cabelos negros como a noite e depois os seus próprios cabelos, como que a dizer que sabia que os herdara dela.

Raramente olhava as pessoas nos olhos, mas, quando o fazia, às vezes os seus olhos cintilavam de lágrimas contidas. Para que ela não ficasse a pensar que ele poderia estar triste nessas ocasiões, brindava-a sempre com um sorriso, quase rasgado. Quando ela lhe perguntava se as suas lágrimas eram de felicidade, ele assentia com a cabeça. Porém, não conseguia — ou não queria — explicar o motivo da felicidade.

As dificuldades de comunicação implicavam que não podiam partilhar a vida em pleno como Megan desejava, o que lhe causava uma tristeza persistente. Aquele miúdo partira-lhe o coração um milhar de vezes, mas, com a sua doçura, também o sarara um milhar de vezes.

Ela nunca desejara que ele não tivesse aquela condição, pois então seria uma criança diferente. Amava-o apesar — e, em parte, graças a isso — da difícil viagem que faziam juntos.

Agora, ao observá-lo, disse:

— Está tudo bem, Woody? Sentes-te bem?

Ainda que profundamente concentrado no computador, as costas viradas para ela, esticou bem o braço direito, apontando com o indicador para o teto, um gesto cujo significado, há muito, ela aprendera ser positivo e que transmitia qualquer coisa como «Estou na Lua, mamã».

— Então, está bem. São 8 horas. Quando forem 10, cama.

Ele rodopiou o indicador levantado e depois baixou a mão para o teclado.

## 2

DEPOIS DE GUARDAR O DOCUMENTO a que chamara «A Vingança do Filho: Provas Coligidas Rigorosamente sobre o Mal Demoníaco», ao qual já se dedicava há algum tempo, Woody Bookman, de 11 anos, desligou o computador, foi à casa de banho do seu quarto e escovou os dentes com uma escova *Sonicare* a pilhas. Não lhe era permitido ter uma escova manual porque escovava os dentes obsessivamente e, se o deixassem, escovaria os dentes com vigor 20 minutos seguidos. Com o tempo, tal hábito desgastar-lhe-ia as gengivas e exigiria transplantes. Aos 10 anos, tivera de ser submetido a cirurgia oral para salvar três dentes no maxilar inferior esquerdo.

Agora, para procederem a tais reparações, os periodontologistas utilizavam tecido esterilizado e sujeito a radiações proveniente de cadáveres. Woody já tinha tecido das gengivas de um morto qualquer a envolver três dos seus dentes e não queria ter mais. Não era que tivesse acontecido alguma coisa estranha por causa do tecido do morto. Woody não tinha *flashes* de memória da vida do dador nem o ímpeto de comer alguém, como na série *The Walking Dead*. O transplante não o transformara num morto-vivo. Isso era uma estupidez científica.

Woody sentia-se envergonhado pelas pessoas que acreditavam na estupidez científica, e que eram muitas. Também se sentia

envergonhado pelas pessoas que ficavam zangadas por ninharias, pelas pessoas que insultavam as outras, pelas pessoas que eram más para os animais. Por muitos motivos, muitas pessoas faziam com que se envergonhasse por elas.

Envergonhava-se de si mesmo por ser um perigo para os próprios dentes. A escova *Sonicare* tinha um temporizador de dois minutos; não era suposto escovar com as cerdas, mas sim deixar as ondas sonoras remover a placa bacteriana. Se não fosse o temporizador, a boca de Woody seria um cemitério de tecido gengival.

Também se sentia envergonhado porque, às vezes, pensava em beijar uma rapariga, coisa que só lhe ocorrera há pouco tempo. Beijar parecia-lhe uma coisa nojenta — blherg —, aquela troca de saliva. Deveria estar a passar-se alguma coisa de errado com ele para sentir esse desejo. Sentia também — era um rol sem fim — vergonha porque, se alguma vez pedisse autorização a uma rapariga para a beijar, nunca lhe revelaria aquilo das gengivas do morto com medo de que ela vomitasse e fugisse dele a sete pés. Nesse caso, mentiria por omissão, que era uma coisa humilhante de se fazer, porque a mentira era uma das principais causas de todo o sofrimento humano. A palavra humilhação poderia definir-se como um doloroso sentimento de vexação, pior do que a vergonha.

Desde que tinha memória, Woody sentira vergonha de si mesmo e pelas outras pessoas. Era um dos motivos por que nunca falava. Caso se atrevesse a falar, diria às pessoas o que elas faziam que o envergonhava e dir-lhes-ia o que achava vergonhoso em relação a ele mesmo, o que era uma longa lista. Ele era uma trapalhada. Era mesmo. As pessoas não queriam saber da trapalhada que ele era nem da trapalhada que elas próprias eram. Porém, não lhes dizer seria mentir por omissão e a ideia de mentir vexava-o de tal maneira que lhe causava náuseas. O melhor era manter-se em silêncio, não dizer absolutamente nada, e talvez assim as pessoas gostassem dele. Além disso, se não lhes dissesse a trapalhada que era, talvez as pessoas não se apercebessem.

Uma das coisas mais vergonhosas em relação às pessoas era a sua falta de poder de observação.



Depois de escovar os dentes, foi para a cama e apagou a luz do candeeiro da mesinha de cabeceira. Não tinha medo do escuro. Não havia fantasmas, vampiros, lobisomens nem coisas do género, nem hipótese alguma de um morto qualquer se esgueirar ao quarto dele para recuperar o seu tecido gengival.

Os únicos monstros eram as pessoas. Não todas as pessoas, apenas algumas. Como as que tinham matado o seu pai, que já estava morto há três anos e ainda ninguém fora detido pelo homicídio. Toda a gente continuava a pensar que a sua morte fora um acidente. Woody sabia que não. Agora que terminara «A Vingança do Filho: Provas Coligadas Rigorosamente sobre o Mal Demoníaco», os responsáveis seriam levados à justiça.

Woody era muito inteligente. Desde os 7 anos que lia ao nível universitário, o que talvez não quisesse dizer muito, se pensarmos que muitos licenciados pareciam não saber coisa alguma. Era um notável pirata informático. Durante os últimos dois anos, invadira sistemas informáticos altamente protegidos, onde colocara *rootkits* que lhe permitiam navegar pelas suas redes sem que os sistemas de segurança dessem conta de que um peixe sub-reptício explorava as profundezas de dados. As suas explorações também o tinham levado a lugares estranhos na *dark web*.

Agora, enquanto esperava que o sono chegasse, Woody fez um esforço para pensar em coisas agradáveis. Sentira-se envergonhado quando se imaginara a beijar uma rapariga que vira numa fotografia de uma revista. Tentou pensar noutra coisa, mas não conseguiu. Questionou-se se, um dia, dentro de alguns anos, poderia conhecer uma rapariga que tivesse transplantes gengivais, o que faria com que tivessem uma coisa em comum. Já o tinham beijado na cara e na testa, mas ele nunca beijara ninguém. Se conhecesse essa rapariga, talvez fosse um bom ponto de partida.

### 3

DOROTHY CHEIRAVA A MORTE.

Tinha 76 anos. Morreria pouco depois do romper da aurora.

Era uma dura verdade. O mundo era um lugar maravilhoso, mas estava cheio de duras verdades.

A enfermeira residente de cuidados paliativos, Rosa Leon, estava a cuidar dela no quarto onde Dorothy dormira a maior parte das noites da sua longa vida.

Rosa cheirava a vida, e a champô de morango, e aos rebuçados de hortelã-pimenta de que tanto gostava.

Naquele quarto, Dorothy e o seu falecido marido, Arthur, tinham feito amor e concebido um filho, Jack.

Arthur fora contabilista. Morrera aos 67.

Jack perdera a vida na guerra aos 28, deixando este mundo décadas antes dos seus pais.

Perder o filho fora uma tragédia central na vida de Dorothy.

No entanto, orgulhava-se de Jack, e era resiliente, pelo que vivera uma vida plena de significado.

Kipp não conhecera Jack nem Arthur. Apenas os conhecia porque Dorothy lhe falara deles muitas vezes.

Rosa estava sentada num cadeirão a ler um livro, sem se aperceber de que a Morte vinha a caminho.

Naquele momento, Dorothy estava a dormir, sedada e sem dores.

Kipp sofria quando Dorothy estava com fortes dores. Vivera com ela apenas três anos, mas amava-a desesperadamente.

Amar além da razão era uma característica que fazia parte da sua natureza.

Antes de chegar o momento do falecimento dela, ele tinha de endurecer o coração, preparar-se para lidar com a perda.

Desceu as escadas e saiu pela sua porta para o terraço dos fundos para apanhar ar puro.

A casa localizava-se cerca de sete metros acima do lago Tahoe. Pequenas ondas enrolavam suavemente na praia e os reflexos afiados da Lua em quarto crescente reluziam sobre a superfície encrespada da água.

Uma suave brisa trazia uma copiosa mescla de cheiros: pinheiros, cedros, fumo da madeira a arder numa lareira, bolotas, cogumelos selvagens, esquilos, guaxinins e muitas outras coisas.

Kipp também estava ciente de um estranho e contínuo murmurar. Apenas o começara a ouvir há pouco tempo.

No princípio, pensara que podia ser um zumbido, um achaque de que, sabia, algumas pessoas padeciam, mas não era isso.

Quase conseguia ouvir palavras naquele invulgar fluxo incessante, que chegava de algures a oeste. De oés-noroeste.

Depois de Dorothy morrer, Kipp teria de investigar, encontrar a origem daquele ruído. Sentiu-se grato por ter um propósito imediato.

Desceu do terraço para o quintal para, pensativo, fitar as estrelas por instantes.

Apesar de ser extraordinariamente inteligente — apenas Dorothy sabia quão inteligente ele era —, não fazia ideia do que tudo aquilo significava.

Junta-te ao clube. Todos os filósofos da história, muito mais sábios do que ele, nunca conseguiram conceber uma teoria capaz de agradar a toda a gente.

Pouco depois de regressar ao quarto de Dorothy, ela despertou.

Ao ver Rosa a ler o romance, Dorothy falou numa voz fraca:

— Rosie, querida, deverias ler em voz alta para o Kipp.

Para fazer a vontade à sua doente, a enfermeira disse:

— Não acha que Dickens é demais para o nível académico dele?

— Oh, de forma alguma, de forma alguma. Ele gostou do *Grandes Esperanças* quando lho li e adorou *O Cântico de Natal*.

Kipp encontrava-se agora ao lado da cama, a fitá-la, a cauda a abanar. Dorothy deu uma palmadinha no colchão, convidando-o a subir.

Kipp saltou para a cama. Deitou-se ao seu lado e apoiou o focinho no colo dela.

Ela pousou uma mão na sua grande cabeça e afagou-lhe com delicadeza as orelhas descaídas e o pelo dourado.

Mesmo com a Morte ali à porta, o coração amargurado de Kipp encheu-se de felicidade.

## 4

A ESTRADA ASFALTADA DE DUAS faixas desliza como uma serpente pela paisagem desoladoramente empalidecida pelo luar do Utah. Na vastidão quase desértica, pequenos aglomerados de luzes cintilam aqui e além à distância, como aeronaves alienígenas que desceram da nave-mãe numa perversa missão.

A viajar em direção a sul, saindo dos subúrbios de Provo, rumo a um isolamento ainda maior, Lee Shacket não se atreve a seguir pela Interestadual 15. Opta por estradas menos concorridas, caminhos regionais quando necessário, ansioso por se afastar o máximo possível do que aconteceu nas instalações de Springville.

Se perpetrou tanta maldade como qualquer outra pessoa na história, fê-lo com a melhor das intenções. Acredita que essas intenções são mais importantes do que as consequências dos seus atos. Como poderia a humanidade evoluir desde as cavernas até orbitar o espaço se todos os homens e mulheres temessem o risco? Alguns procuram o conhecimento e enfrentam os desafios a todo o custo e, graças a eles, o progresso acontece.

De qualquer maneira, tudo poderia acabar bem. O resultado do projeto ainda não é conhecido, apenas se sabe que, a meio, alguma coisa correu mal. Todos os empreendimentos científicos são

marcados por contratempos. Em última instância, o fracasso pode ser o pai do sucesso se uma pessoa aprender com os erros.

Porém, no início, Lee está a entender este fracasso como absoluto.

Não está a conduzir o *Tesla* nem o seu *Mercedes SL 550* porque as autoridades acabarão por procurá-lo. Segue de prego a fundo num *Dodge Demon* vermelho-vivo com todos os extras que adquiriu por cento e quarenta e seis mil dólares através de uma empresa de responsabilidade limitada com sede nas Ilhas Caimão, à qual o seu nome não pode ser associado mesmo pelo investigador mais determinado. O carro tem matrícula do Montana. No caso improvável de as autoridades estabelecerem uma ligação entre ele e o automóvel, o GPS foi removido do *Dodge* de modo a não conseguirem descobrir o seu paradeiro via satélite. Uma de duas malas na bagageira contém cem mil dólares. Outra, com trezentos mil dólares em notas de cem, pode ser encontrada abrindo dois trincos de pressão na parte de trás do banco do passageiro dianteiro, que dão acesso a um compartimento secreto. Dentro do forro do seu blusão desportivo de couro preto tem trinta e seis diamantes de alta qualidade no valor de meio milhão de dólares em qualquer revendedor de pedras preciosas.

Estes recursos não se destinam a financiá-lo para o resto da vida, mas sim a ajudá-lo a ficar na clandestinidade durante alguns meses, até o furor relacionado com o fiasco de Springville esmorecer, ele sair dos EUA e chegar em segurança à Costa Rica através de qualquer via indireta, envolvendo cinco países e três mudanças de identidade. Na Costa Rica, é proprietário de um refúgio sob o nome de Ian Stonebridge e é titular de um passaporte suíço com essa identidade.

É o CEO da Refine, uma divisão de um conglomerado de empresas avaliado em vários milhares de milhões de dólares. Poucos CEO de empresas avaliadas em vários milhares de milhões de dólares têm clarividência para antever apuros empresariais que exijam a preparação de uma nova identidade e a dissimulação de capital suficiente no estrangeiro para manter elevados padrões de vida durante as décadas seguintes. Shacket orgulha-se de ter sido sensato e discreto para um homem tão mais jovem do que a maioria dos outros CEO.

Tem 34 anos, o que não é assim tão jovem para uma pessoa que ocupa o seu cargo num setor económico onde as empresas foram fundadas por gurus da tecnologia que ficaram bilionários na casa dos 20. O seu superior hierárquico é Dorian Purcell, presidente do conselho de administração da sede, que se tornou bilionário aos 27 e tem agora 38 anos, mas Shacket vale apenas cem milhões.

Dorian queria que a investigação em Springville prosseguisse a ritmo vertiginoso. Shacket acedeu porque, se tivesse sucesso no seu projeto principal, as *stock options* torná-lo-iam também bilionário, embora talvez não multibilionário, enquanto o mais certo seria que a fortuna de cinquenta mil milhões de dólares de Dorian duplicasse.

A injustiça desta gratificação desigual faz Shacket ranger os dentes durante o sono; já acordou muitas vezes com dores nos maxilares. Um mero bilionário é um zé-ninguém no meio dos príncipes da alta tecnologia. Apesar das suas pretensões de igualdade social, muitas dessas pessoas são dos maiores elitistas com consciência de classe que o mundo jamais viu. Lee Shacket despreza-os quase tanto como deseja ser um deles.

Se tiver de se esconder durante o resto da vida com uns míseros cem milhões de dólares para sobreviver, terá muito tempo livre para congeminar a destruição de Purcell e pouca ou nenhuma motivação para fazer qualquer outra coisa.

Desde o início, Lee Shacket compreendera que, se alguma coisa corresse muito mal, teria de ir ao tapete. Dorian Purcell será sempre intocável, um ícone da revolução da alta tecnologia. Não obstante, agora que Shacket tem de pagar esse preço, sente-se enganado, intrujado, endrominado.

Enquanto conduz nas primeiras horas da noite, sente-se atormentado pela raiva, pela autocomiseração e pela ansiedade, mas também por aquilo que acredita ser mágoa, uma emoção que, nele, é uma novidade. Noventa e dois funcionários da Refine estão tranca-dos numas instalações de alta segurança perto de Springville, impedidos de comunicar com o mundo exterior, nas suas últimas horas de vida. Está tão furioso com eles como com Dorian. Um daqueles génios — ou vários — fez alguma coisa imprudente que selou o seu

destino e o colocou nesta situação insustentável. Todavia, alguns são seus amigos, na medida em que um CEO se pode permitir a travar amizade com as pessoas que lhe cabe supervisionar, e o seu sofrimento perturba-o. Durante a construção daquele complexo, dera o litro para se assegurar de que o módulo onde se localizava o seu gabinete e os da sua equipa de apoio direto — composta por cinco indivíduos — entraria em modo de confinamento estanque 90 segundos depois de todos os laboratórios ficarem hermeticamente selados em situação de crise. Quando o alarme soou, asseverara à sua equipa que estavam em segurança, que deveriam manter-se nos seus postos — e partira calmamente.

Não tivera alternativa senão mentir-lhes. O alarme não anunciara uma catástrofe iminente, mas imediata. Estavam tão contaminados como os investigadores nos laboratórios. Shacket também está contaminado, mas em circunstâncias fatais como a presente, não consegue mentir a si mesmo com a mesma facilidade com que mentiu aos outros.

De qualquer maneira, sempre tivera inteligência para evitar as consequências dos seus erros. Quiçá a sua sorte o acompanhe numa última evasão.

Não tarda, será alvo de uma caça ao homem, pelas autoridades competentes e também pelos impiedosos lacaios de Dorian, que não quererá deixar pontas soltas. Tem a esperança, naquilo que acredita ser um espírito de compaixão e mágoa, de que todos os funcionários de Springville pereçam antes de qualquer um ter oportunidade de testemunhar contra ele.



## 5

QUANDO ROSA LEON FOI AO andar de baixo preparar uma sanduíche, Kipp ficou a sós com Dorothy.

A luz do candeeiro era fraca; as sombras, serenas como águas estagnadas; o majestoso pinheiro, prateado do luar.

— Combinei com a Rosa que ficarás com ela quando eu partir — disse-lhe ela. — Ela tratará bem de ti.

Como que num ato de resignação, Kipp bateu com a cauda três vezes no colchão. Três vezes significava *Sim, está bem*. Uma vez significava *Não* ou *Não me parece bem*.

Na realidade, o seu destino não incluía Rosa. Porém, não havia necessidade de perturbar Dorothy.

— *Baixinho*, foste para mim uma dádiva de não menos valor do que o meu filho, Jack, ou o meu querido Arthur.

Kipp levantou a cabeça do colo da dona para lhe lambe a mão descolorida, com a qual ela tantas vezes lhe afagara o pelo e lhe dera guloseimas.

— Gostaria que, juntos, tivéssemos arranjado maneira de resolver o mistério das nossas origens.

Com um longo suspiro, Kipp exprimiu a sua concordância.

— Mas, bem vistas as coisas, as nossas origens são todas as mesmas, nascidos da substância que molda tudo aquilo que existe.

Kipp ansiava por lhe dizer o mesmo enquanto havia tempo.

Apesar de a sua inteligência se ter, de algum modo, desenvolvido até um nível humano, carecia dos mecanismos vocais para o poder verbalizar. Conseguia produzir muitos sons, mas nenhuns eram palavras.

Dorothy concebera um método de comunicação inteligente, mas encontrava-se numa divisão do piso térreo, e faltavam-lhe forças para ir lá abaixo.

Não interessava. Tudo o que ele lhe queria dizer já fora dito. *Amo-te. Sentirei muito a tua falta. Nunca te esquecerei.*

— Meu menino — disse ela —, deixa-me olhar bem para os teus olhos.

Kipp mudou de posição, pousou a cabeça no peito dela e fitou os seus olhos ternos.

— Como tu, meu querido *golden*, os teus olhos e o teu coração são de ouro.

Os olhos de Dorothy eram azuis, inteligentes e profundos.

## 6

LEE SHACKET ESTACIONA O SEU *Dodge Demon* num canto afastado do parque do motel Best Western na pequena cidade de Delta, no Utah. Sentado no carro, rapa a barba aparada de forma imaculada, que já usa desde os 24 anos. Lava as mãos com desinfetante e põe umas lentes de contacto não sujeitas a receita médica para alterar a cor dos olhos de cinza-metálico para castanho.

Depois de pôr um boné de basebol para esconder a maior parte dos cabelos louros, segue rumo a sul pela E257, passa para a Route 21, depois para a Route 130. Duzentos quilómetros depois, chega a Cedar City, onde se regista no Holiday Inn, usando para o efeito uma carta de condução e um cartão de crédito em nome de Nathan Palmer.

Já no quarto, antes de pintar o cabelo, precisa de saber se a situação nas instalações de Springville chegou às notícias da televisão por cabo. De pé em frente à televisão, a primeira coisa que vê são imagens captadas quase no fim do dia de trabalho, antes de anoitecer. Quando se escapulira, o complexo dos laboratórios não estava em chamas. O incêndio deflagrara minutos depois da sua partida desvairada. As chamas selvagens subiam 18 ou 20 metros acima do telhado, encobrindo o complexo de uma ponta à outra.

A explosão deveria ter sido desencadeada para esconder a verdade do que acontecera ali. Sem que ele soubesse disso, devem ter

plantado algum tipo de combustível e um sistema de ignição na estrutura para garantir que quaisquer provas da natureza das operações que ali se realizavam nunca seriam descobertas no rescaldo de uma crise.

Não duvida de que os investigadores foram propositadamente queimados vivos — incinerados, para que sobrassem apenas os ossos, ou nem isso — para não deixar provas para o médico-legista. Apesar de poderem ter morrido de qualquer maneira, numa questão de dias ou semanas, a imensa crueldade da incineração da equipa deixa Lee em choque e sem forças nas pernas, obrigando-o a sentar-se na beira da cama.

É verdade que ele abandonara aquelas pessoas ao seu destino, mas Dorian decidira o destino que acabara com elas. A crueldade pode ter diferentes níveis e Lee Shacket reconforta-se com o pensamento de os seus atos não serem nada quando comparados com os do seu chefe.

De certeza que Dorian Purcell autorizara secretamente aquela medida extrema, a sua noção de um mecanismo de segurança. Dorian considera-se um visionário, tal como quase todos os membros da imprensa que escrevem sobre ele, e um verdadeiro visionário sabe que o progresso exige sacrifícios, que aquilo que importa não são os custos a curto prazo de vidas e riqueza, mas o grande benefício para a humanidade que será conseguido a longo prazo. Para justificar o homicídio de dezenas de milhões, consta que Estaline disse: «Uma única morte é uma tragédia; um milhão de mortes é uma estatística.» Em comparação, 92 mortes poderiam ser, para Dorian, nada mais que uma mera nota de rodapé para o importante projeto que fora envidado nos laboratórios da Refine em Springville e que será retomado algures dentro de um ano.

No ecrã, o apresentador, com solenidade, dá conta de que a investigação que estava a ser realizada nas instalações envolvia a pesquisa para uma revolucionária cura para o cancro. É uma mentira descarada, mas não há dúvida de que o apresentador acredita no que diz. A investigação para o cancro não é tão perigosa a ponto de exigir que seja realizada num complexo murado e isolado, a mais

de um quilómetro e meio das últimas habitações dos arrabaldes de um subúrbio de Provo, no Utah. Porém, numa época em que as agências noticiosas operam com restrições orçamentais, muitos dos intervenientes dos meios de comunicação social têm tendência para acreditar no que qualquer fonte da sua confiança lhes diga, deixando o jornalismo de investigação apenas para aqueles que consideram ser desonrados ou suspeitos. Em público, pelo menos, Dorian Purcell ocupa todos os cargos certos em questões que importam para os líderes de opinião e é quase universalmente encarado como um dos bons da fita.

A explicação oficial preliminar para o incêndio é que o complexo integra a sua própria central elétrica para minimizar cortes de eletricidade que afetariam os projetos de investigação, que a central funciona a gás natural e que talvez uma fuga debaixo dos alicerces não tenha sido detetada antes de o edifício estar basicamente empoeirado numa bomba.

— Pois, sim — diz Lee, desligando o aparelho.

Mais tarde, depois de se transformar num novo homem de cabelos castanhos, olhos castanhos e sem barba, sai para ir jantar. Como nunca fora esquisito em relação ao cardápio, não se importara de, ao longo dos anos, fazer as refeições no Holiday Inn e quejandos, mas hoje, nada lhe sabe bem. A salada é amarga. Os legumes têm um travo metálico. As batatas não têm sabor. Consegue comer o frango, mas não é tão apetitoso como deveria ser.

Deseja outra coisa, mas não sabe o que o poderia saciar.

Nada na ementa lhe chama a atenção.

De regresso ao quarto, mistura rum com *Coca-Cola* e bebe até conseguir adormecer.

Pelas três e meia da manhã, aos gritos, encharcado em suor frio, desperta de um pesadelo do qual não se lembra de um único pormenor.

Esta desorientação que é característica dos sonhos não o larga. Nas janelas, uma luz azul-cobalto transcendental penetra pelas beiras dos cortinados, como se no mundo para lá daquelas paredes uma catástrofe silenciosa emitisse uma radiação letal. Está sóbrio, mas

o pequeno quarto parece-lhe imenso, a cama a boiar num mar de sombras ondulantes. Quando Lee atira os cobertores para trás e se senta na beira do colchão, o chão foge-lhe de debaixo dos pés descalços, como que coberto por uma horda de insetos. Remexe atabalhoadamente no candeeiro da mesinha de cabeceira e encontra o interruptor. A luz inunda a cama flutuante, mas não deixa ver inseto algum. Porém, o espaço está quase tão sombrio como quando estivera às escuras, e não menos sinistro.

Depois de se levantar, fica indeciso, com a certeza de que, subjacente ao pesadelo, estivera um pressentimento urgente de uma coisa perversa que avança para ele e que não é uma mera fantasia de um sonho, mas, pelo contrário, uma realidade relativamente à qual tem de agir para se salvar. Todavia, continua sem se lembrar do sonho.

Senta-se numa cadeira, agarrando os braços forrados com as duas mãos, baloiçando-se para trás e para a frente apesar de a cadeira não ser de baloiço e não se mexer ao seu ritmo. Não consegue estar quieto. Tem de se mexer, como que para provar a si mesmo que está vivo.

No pesadelo... Agora recorda-se de alguma coisa. Estava preso, paralisado, embrulhado firmemente, como que num casulo, um material transparente e branco a velar-lhe os olhos; sombras informes a avolumarem-se e a retrocederem; sons a elevarem-se e a baixarem de intensidade à sua volta.

Com um estremecimento, questiona-se se o espectro de material genético com que as suas células foram contaminadas poderá incluir o de algum verme que morre para renascer de um casulo.

No sonho, ele estava indefeso e sozinho. Balança-se sem parar na cadeira imóvel. Tem dinheiro para uma fuga imediata e uma bela casa na Costa Rica, além de cem milhões de dólares onde nenhuma autoridade os conseguirá encontrar, mas a profunda solidão deixa-o vulnerável, sem uma finalidade significativa.

Sente-se impotente, como em criança, sob a mão de ferro de um pai alcoólico violento e de uma mãe com perturbações mentais.

Não suporta a impotência. Não a tolera.

Além dos cientistas de Springville, tivera sob a sua alçada dois mil e duzentos funcionários da Refine. Agora, não exerce autoridade sobre pessoa alguma. Ele tivera poder, estatuto, respeito, 20 fatos *Tom Ford* que usava com sapatilhas coloridas. Tudo isso acabou. Está sozinho.

Só agora percebe que a pior de todas as infelicidades que afligem o coração humano é a solidão.

Lee Shacket nunca tivera jeito para relacionamentos. Tivera namoradas. Sensuais. Ele não é nada de se deitar fora. As mulheres gostam da sua aparência. Admiram a sua ambição. Tem sentido de humor. Sabe dançar. Tem estilo. É bom na cama. É bom ouvinte. Mas nunca conseguiu manter uma relação. Mais cedo do que mais tarde, todas as mulheres começam a parecer inadequadas — pouco genuínas, de uma maneira ou de outra. A relação começa a parecer superficial, carecendo de substância emocional que valha a pena, uma mera pitada de essência romântica; não obstante, acaba sempre por se sentir submerso nessa pitada, a asfixiar, e precisa de fugir.

Percebeu que já não se movimenta. A sua imobilidade assusta-o, como se manter-se vivo dependesse de continuar em movimento. Levanta-se de um pulo e começa a caminhar de um lado para o outro, cada vez mais ansioso.

Está a acontecer-lhe algo de estranho.

Sob a luz fraca do candeeiro, o seu reflexo inquieto no espelho é espectral, como se fosse o espírito de algum hóspede anterior que ali morreu e que não é desejado lá em cima nem lá em baixo, não tendo para onde ir.

Consoante anda em círculos pelo quarto, tenta recordar quando e como a sua vida deu para o torto, ignorando o que aconteceu no laboratório, mas antes disso. Quando é que fora feliz a sério pela última vez? Parece importante lembrar-se. Quando é que o seu futuro fora mais promissor?

Apesar de Lee ter alcançado um enorme sucesso com Dorian Purcell, cada promoção acarretara um aumento tão grande de tensão que, apesar de ganhar uma fortuna, não pode dizer com franqueza que fora mais feliz durante esses anos do que antes.

Mesmo antes de Purcell, Lee nem sempre fora feliz, mas as suas perspectivas de felicidade eram maiores então. Nesses tempos, tivera esperança. As opções à sua frente pareciam-lhe infinitas; enquanto, agora, tem poucas, porventura apenas uma.

E está sozinho, sem ninguém para o ouvir, ninguém para o compreender, ninguém para se preocupar, ninguém que tenha de responder perante ele.

O ponto de viragem, a força maior que mudara a vida de Lee, foi Jason Bookman, um amigo da faculdade. No início, a carreira de Jason subira em flecha, ao passo que a de Lee fora penosa. Até que Jason o inserira no círculo exclusivo de amizades de Dorian Purcell.

Enquanto caminha, o seu reflexo no espelho da porta do armário incomoda-o. O seu rosto. Está a acontecer alguma coisa estranha com a sua cara. Passa-se algo de errado.

Vai a correr para a casa de banho, onde a luz é mais forte. Tem os olhos castanhos, o cabelo castanho e a barba desapareceu. Talvez os outros não o reconheçam, mas ele conhece-se. O seu olhar de tons castanhos é banal em comparação com o olhar penetrante cinza-metálico com o qual intimidara tantos executivos inexperientes. Fora isso, parece estar tudo bem.

Porém, não se sente bem. Tem a cara rígida como uma máscara. Movimenta os músculos da cara — boceja, franze o cenho, faz um esgar. Com as pontas dos dedos, massaja o queixo, as maçãs do rosto e a testa, belisca o nariz, puxa os lábios, à procura de... alguma coisa errada. Por fim, chega à conclusão de que a rigidez é apenas uma consequência da ansiedade. Também o seu corpo está rígido de apreensão.

Jason Bookman mudou a vida de Lee, o que o levou às atuais desastrosas circunstâncias. Contudo, o pior que Jason fizera não fora inseri-lo na órbita de Purcell — Jason casara com Megan.

Olhando fixamente para o seu reflexo no espelho da casa de banho, Lee tem uma epifania. Jason era tão previdente, tão ciente dos riscos a longo prazo de trabalhar para um narcisista ávido de poder como Dorian Purcell, que levara Lee para a empresa para servir de bode expiatório, papel que, de outro modo, seria dado a Jason.



Porque é que só agora percebia isso? Estava a ser injusto, paranoico? Não, não. O que em tempos parecera um ato de amizade estava agora, de forma abrupta e tardia, a revelar-se uma manobra maquiavélica. Já não bastava Jason ter roubado Megan a Lee; ele também maquinara um plano para tramar Lee e inculpá-lo se alguma coisa corresse mal na Refine.

Lee lembra-se da ternura do beijo de Megan. Megan Grassley. Agora Megan Bookman. Há quase 14 anos, namoraram durante dois ou três meses. Ele nunca conseguira mais do que um beijo dela. Estava habituado a raparigas fáceis e ela insistira num compromisso antes de terem sexo. Ele decidira ensinar-lhe uma lição deixando-a por uns tempos e saindo com Clarissa, uma mulhereça, para Megan compreender que assistir as necessidades de um homem era a melhor maneira de granjear o seu compromisso. Porém, ao fim de um mês, Jason começara a namorar com Megan, acabando por casar com ela. À época, Lee não culpava Jason de lha roubar. Fora magnânimo. Desejara felicidades ao casal e convencera-se de que o seu amigo se arrependeria de se juntar a uma cabra assim tão frígida.

Porém, como é evidente, Megan não tivera qualquer problema em trocá-lo por Jason. Juntos, prosperaram e, a cada ano que passava, ela ficava mais sexy, muito melhor do que Clarissa. Tudo bem. Não havia problema. Lee não a queria; ela não fora suficientemente rápida para ele. Ela era um *Honda* e ele precisava de uma rapariga-*Ferrari*. Tivera opções melhores do que ela. O mundo está cheio de mulheres bonitas, sobretudo quando uma pessoa ganha uma pipa de massa por ano e está a acumular *stock options*<sup>1</sup>.

Mas agora está desempregado, sozinho. Não tarda, será um fora da lei foragido.

Se tivesse sido mais paciente com Megan, talvez ela se tivesse entregado a ele. Até poderiam ter casado e, depois disso, teria com certeza sido muito diferente da atual desgraça em que se encontrava.

---

<sup>1</sup> Opção de Compra de Ações. Neste tipo de plano, a empresa fornece ao funcionário a opção de adquirir as ações da empresa a um valor predeterminado passado um certo período de tempo. [N. T.]

De súbito, chega lá: a altura em que fora mais feliz, quando o seu futuro fora mais promissor, fora quando namorara com Megan.

Ao olhar para os seus olhos no espelho, compreende que a sua cara não tem nada de errado. O problema, se é que é um problema, esconde-se por detrás da sua cara. Está a acontecer alguma coisa com a sua mente. O seu cérebro está febril. Se a medisse com um termómetro, a sua temperatura estaria normal; não duvida de que teria precisamente 37 graus. Porém, a sua mente está febril de excitação: agitação, fermentação, efervescência. Não é necessariamente uma coisa negativa. Está entusiasmado, eletrificado, galvanizado.

Sabe o que tem de fazer. Não pode recuar 14 anos no tempo e casar com Megan, mas pode ir procurá-la à Califórnia, onde ela mora atualmente. É viúva. Viúva há três anos. Será mais fácil do que quando era mais jovem, preparada para uma nova vida, para a vida certa, a vida que teriam tido juntos se Jason Bookman não tivesse aparecido. Lee levá-la-á com ele para a Costa Rica. Ao miúdo também, se ela quiser mesmo incomodar-se com um mudo deficiente mental. A escaldante Megan e a tórrida Costa Rica: esta perspetiva estimula Lee, empolga-o. Pode voltar a ser feliz, com um futuro promissor.

No espelho da casa de banho, o reflexo fala com ele, embora já não seja a sua imagem, mas, de algum modo, a de Jason Bookman, o maquiavélico traidor. «Estás infetado», afirma Jason. «Eles estão a enxamear dentro de ti. Passa-se algo de errado com a tua mente.» «Mentiroso», replica Lee. «Tu não queres é que eu a coma.» Agarra no rum e atira-o.

A garrafa estilhaça-se partindo o espelho, decapitando e desmembrando de imediato Jason Bookman, com adagas, punhais, estiletos e cimitarras de vidro a saltar da moldura, fustigando o lavatório e a bancada de mármore em redor, tilintando como os sinos prateados de uma igreja de conto de fadas demoníaca. O cheiro do rum com especiarias — casca de laranja, canela, coco, baunilha — atinge Lee Shacket, salpicando a parede nas suas costas.

Num estado de grande excitação, duas horas antes do romper da aurora, vai até ao quarto e veste-se à pressa para a longa viagem.

**UM RAPAZ AUTISTA COM UMA MISSÃO.  
UM CÃO INTELIGENTE COM UM DOM ESPECIAL.  
UM HOMEM PERVERSO COM INTENÇÕES MALIGNAS.**

Woody Bookman nunca proferiu uma palavra nos seus 11 anos de vida. Nem quando o pai morreu num estranho acidente. Nem quando a mãe, Megan, lhe diz que o ama. Woody acredita, no entanto, que a morte do pai não foi acidental, mas causada por um mal monstruoso que agora o ameaça a ele e à mãe. E Woody não está sozinho nos seus pensamentos: algures, um aliado desconhecido ouve-o, como mais ninguém consegue.

Kipp, um *golden retriever* com um dom incrível, é guiado por um sentimento de devoção ímpar pelos humanos. Quando capta os pensamentos de Woody e percebe o risco que ele corre, Kipp tudo faz para o encontrar e ajudar, antes que seja tarde demais.

As suspeitas de Woody concretizam-se. Um homem impelido por um desejo incontrolável de poder está atrás dele e de Megan para colocar em prática um plano terrível. Pelo caminho, vai deixando um brutal rasto de morte e destruição, e a cada dia os seus poderes vão crescendo. Será necessária uma força do bem muito especial para o conseguir travar.

«Canina ou humana, é difícil encontrar uma personagem mais encantadora na ficção do que Kipp. *Devoção* tem todos os elementos de um clássico.»

ASSOCIATED PRESS

LEIA TAMBÉM:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-684-5



9 789895 646845

Thriller